

PSICOPATOLOGIA E CRIMINALIDADE NO CINEMA: O QUE É FATO E O QUE É FICÇÃO?

Alana Augusta Concesso de Andrade¹
 Alexandre de Oliveira Miranda²
 Júlia Xavier Fajardo³
 Lian Alves Pontes⁴
 Maria Cláudia Lanzotti Nogueira⁵
 Mariana Fontes Friaça da Costa⁶
 Mariana Alves da Silva⁷
 Tatiana da Silveira Madalena⁸

RESUMO: O propósito do artigo, através de uma revisão bibliográfica exploratória e narrativa, foi explorar a temática da criminalidade e suas representações no universo cinematográfico, comprometendo-se com análise dos discursos psicopatológicos existentes. Para tal, foi feita uma busca, em bases científicas, como Scielo e Google Acadêmico, pelos temas “criminalidade”, “psicopatologia” e “cinema”, no período delimitado entre os anos de 2010 até 2022. A busca retornou 61 artigos, dos quais 24 foram descartados por se afastarem da proposta temática do presente artigo. O objeto de interesse da pesquisa consiste na busca pela compreensão dos porquês de a temática do crime exercer tanto fascínio nos sujeitos, e como as patologias ganharam notabilidade nos roteiros e produções cinematográficas atuais, sobretudo no gênero *‘true crime’*. Nota-se que as representações fictícias dos transtornos mentais e patologias em linhas gerais, acabam por estigmatizar alguns, mas ao mesmo tempo são importantes para uma elaboração do pensamento crítico sobre a temática.

Palavras-chave: Discurso Psicopatológico. Produções Cinematográficas. Crime.

PSYCHOPATHOLOGY AND CRIMINALITY IN CINEMA: WHAT IS FACT AND WHAT IS FICTION?

ABSTRACT: The purpose of the article, through an exploratory and narrative bibliographic review, was to explore the theme of criminality and its representations in the cinematographic universe, committing itself to the analysis of existing

¹ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e docente do Centro Universitário Academia. E-mail: alanaandrade@uniacademia.edu.br

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia. E-mail: alexandre.miranda41@hotmail.com

³ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia. E-mail: jxfjxf11@gmail.com

⁴ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia. E-mail: lianpontes96@gmail.com

⁵ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia. E-mail: mariaclaudia.ln@gmail.com

⁶ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia. E-mail: marianaestudentepsi@gmail.com

⁷ Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia. E-mail: mariana_ssilva@hotmail.com.br

⁸ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia. E-mail: tatianamadalena@uniacademia.edu.br

psychopathological discussions. To this end, a search was carried out, in scientific databases, such as Scielo and Google Scholar, for the themes "criminality", "psychopathology" and "cinema", in the delimited period from the years 2010 to 2022. The search returned 61 articles, of which 24 were discarded because they deviated from the thematic proposal of this article. The object of interest of the research consists in the search for understanding the reasons why the theme of crime exerts so much fascination on the subjects, and how the pathologies have gained notoriety in current scripts and cinematographic productions, especially in the *'true crime'* genre. It is noted that the fictitious representations of mental disorders and pathologies in general end up stigmatizing some, but at the same time they are important for the elaboration of critical thinking on the subject.

Keywords: Psychopathological Discussions. Film Productions. Crime.

1 INTRODUÇÃO

O cinema apresenta uma riqueza de aspectos sensoriais e de grande estímulo que proporciona uma experiência rica, envolvente, pedagógica e informativa. A análise dessa arte nas representações de psicopatologias e crimes tem colocado a todos em uma imersão de reflexões e questionamentos, entre eles, não só o debate sobre a acurácia dessas representações e os efeitos positivos e negativos delas, mas também as razões pelas quais as pessoas se interessam pela criminalidade no cinema e o quanto a indústria cinematográfica pode alimentar estereótipos e estigmatização de pessoas com transtornos mentais.

Os filmes são importantes ferramentas didático-pedagógicas para a aprendizagem da Psicopatologia, uma vez que a linguagem cinematográfica, as imagens apresentadas nos filmes e as situações vividas pelos personagens são apreendidas pelo público espectador de maneira sensorial direta e prática. Por outro lado, a aprendizagem via livros e artigos, presente no ensino tradicional da Psicopatologia, exige mais interpretação e abstração, lentificando e onerando o processamento da informação (Honorato, 2018). Assim, entende-se a relevância do cinema para o estudo, descrição e a divulgação dos transtornos mentais.

O estudo de Rocchi e Mansano (2016) demonstrou que a produção de filmes que apresenta a temática da saúde mental aumentou 1000%, quando se compara os recortes temporais de 1930-1935 com 2010-2015, levando as autoras a concluir que o interesse pelo tema pode ter aumentado devido ao advento dos manuais diagnósticos e da própria indústria farmacêutica psiquiátrica. Já Honorato (2018) analisou 87 personagens em 55 filmes brasileiros e detectou a presença de

transtornos de personalidade em 78% deles, sendo a personalidade antissocial a mais frequente, com 46%. É importante lembrar que cerca de 7% da população brasileira possui algum transtorno de personalidade (Santana *et al.* 2018), mas, no cinema, sua presença é bem mais abundante.

O transtorno de personalidade antissocial (TPAS), comum nos filmes e popularmente chamado de sociopatia ou psicopatia, é caracterizado por um padrão de comportamento com “desconsideração e violação dos direitos das outras pessoas” (APA, 2014, p. 647), incluindo falta de remorso, impulsividade, descaso pela segurança dos outros e ilegalidade de ações (APA, 2014). Como dito anteriormente, o cinema entretém, informa e apresenta relativa predileção por personagens com esse tipo de transtorno, nem sempre representando-o de forma acurada. Nesse sentido, Vicente, Sagaz e Almeida (2020) apontam que diversos personagens “psicopatas” assassinos são baseados em pessoas e histórias reais, no entanto, nem toda pessoa com TPAS é um assassino. Além do mais, os autores também sinalizam que os psicopatas de filmes ora são apresentados como charmosos e manipuladores, ora como monstros violentos e repulsivos, e nenhuma dessas visões representa corretamente a realidade do TPAS.

Mediante o aumento de filmes com o tema de transtornos mentais e crimes verdadeiros, ainda não se sabe ao certo porque o público se interessa por essas narrativas. Porém, especula-se que as pessoas podem se identificar, em algum grau, com esses personagens, ou podem apresentar curiosidade sobre o funcionamento da mente criminosa, ou ainda haveria uma preferência geral das pessoas por cenas violentas, o que a indústria cinematográfica prontamente alimentaria em troca de lucro (Vicente *et al.* 2020).

O cinema é uma poderosa mídia de divulgação e conscientização sobre transtornos mentais, mas também pode apresentar efeitos deletérios ao associar superficialmente os transtornos mentais com criminalidade, conforme demonstrou um estudo em que 40% dos participantes concordaram com a afirmação de que pessoas com transtornos mentais nos filmes são representadas como perigosas e um risco à sociedade (Ferreira, 2021).

Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo discutir as interfaces entre psicopatologia e crimes, buscando o entendimento do que são, e se existe relação entre eles, como algumas vezes percebemos retratadas no universo fílmico. Serão apresentadas questões como: representações da psicopatologia no cinema, a

criminalidade em filmes com personagens com transtornos mentais, o interesse do público em obras violentas, a psicopatologia fora das câmeras, a estigmatização da psicopatologia decorrente das representações no cinema, bem como as contribuições do cinema para o estudo da psicopatologia. Em outras palavras, o artigo espera expor como a psicopatologia é retratada no universo cinematográfico e explorar de que forma a temática da criminalidade é representada e estigmatizada em enredos variados.

2 METODOLOGIA

Para a elaboração deste artigo, foi utilizado o método de pesquisa exploratória com a finalidade de analisar a relação entre criminalidade e psicopatologia no cinema, partindo de uma revisão bibliográfica sobre as temáticas "psicopatologia e cinema"; "criminalidade e cinema"; "estigmatização das psicopatologias" e "violência no cinema" que resultou na seleção de 61 artigos publicados entre 2010 e 2022, utilizando sites acadêmicos de buscas, como: Scielo e Google Acadêmico. Então, os artigos foram analisados para serem selecionados os mais apropriados para desenvolver o tema proposto e compor esse estudo, tendo sido descartados 24 deles.

3 AS REPRESENTAÇÕES DA PSICOPATOLOGIA NO CINEMA

A retratação da psicopatologia nas produções cinematográficas explicita como a temática da violência é objeto de recorrente interesse na nossa sociedade. O interesse por produções cinematográficas que escancaram as diversas psicopatologias, destaca como a representação social do que é real exalta produções do tipo *'true crime'* (crime verdadeiro), com o propósito de vender em grande proporção conteúdos violentos e com exacerbação de detalhes.

O olhar que a Psicologia pode lançar sobre esse fenômeno se dá pela criticidade acerca do interesse pessoal sobre abordagens violentas, sem perder de vista a complexidade coletiva e social desse fenômeno. A representação no cinema evidencia uma anomia social, onde as diversas produções revelam desejos e até impulsionam vontades que são reprimidas, muitas das vezes, e acabam sendo escoadas na busca por obras fictícias que escancaram a violência (Sigelmann, 1981).

3.1 A CRIMINALIDADE EM FILMES COM PERSONAGENS COM TRANSTORNOS MENTAIS

A representação da criminalidade em filmes com personagens que possuem transtornos mentais é um tema complexo e controverso. Por um lado, essas representações podem fornecer um espaço para explorar questões de saúde mental e suas interações com a criminalidade, bem como questionar estigmas em torno dessas condições. No entanto, muitas vezes, esses filmes podem cair em estereótipos prejudiciais e simplificações que perpetuam equívocos sobre transtornos mentais.

É importante reconhecer que a maioria das pessoas que vivenciam transtornos mentais não comete crimes violentos, e retratar personagens com tais condições como criminosos em potencial pode reforçar falsas associações (Valença; Moraes, 2006). Além disso, a falta de precisão e profundidade na representação dos transtornos mentais pode contribuir para uma compreensão inadequada das complexidades da saúde mental. Por outro lado, alguns filmes como *Uma Mente Brilhante* (2001), *O Solista* (2009), *Garota Interrompida* (1999), *Adam* (2009) conseguiram abordar esse tema de forma mais responsável, explorando as lutas e desafios enfrentados por pessoas com transtornos mentais e suas interações com a sociedade. Essas representações podem ajudar a aumentar a empatia e a compreensão em relação a essas questões (Ramos, 2011).

Portanto, a criminalidade em filmes com personagens com transtorno mental é um tópico que requer sensibilidade e responsabilidade por parte dos cineastas. A maneira como esses personagens são retratados pode ter um impacto significativo na percepção pública da saúde mental e na maneira como as pessoas com essas condições são tratadas na vida real. É crucial abordar essas representações de forma ética e informada, evitando estereótipos prejudiciais e promovendo uma compreensão mais precisa das complexidades da saúde mental.

3.2 O INTERESSE DO PÚBLICO EM OBRAS VIOLENTAS

O mundo cinematográfico é um importante aspecto cultural da sociedade, em que apresenta diversas formas de entretenimento com o poder de influenciar as pessoas ao redor do mundo, de educar e conectar a todos. Em sua extensa produção diversa, o gênero de terror se tornou extremamente popular, trazendo enormes

sucessos de bilheteria ao longo dos anos e alcançando o topo nos sites de streaming atualmente.

Nas décadas de 1970-1980, por exemplo, um subgênero dentro da categoria terror, conhecido como '*slasher*', causou um grande impacto com filmes de enorme sucesso conhecidos até hoje (Matos, 2015). Com características de baixo orçamento, apelo explícito à violência gráfica e a figura dos '*serial killers*' (assassinos em série) como os protagonistas, grandes obras se tornaram favoritas do público como Halloween (1978), Sexta-Feira 13 (1980), A Hora do Pesadelo (1984), Brinquedo Assassino (1988) e O Massacre da Serra Elétrica (1974). Tais filmes foram despertando tamanho fascínio do público ao ponto de os próprios assassinos em série serem os destaques e os motivos da fama. Os personagens de Michael Myers, Chucky, Freddy Krueger e Jason, por exemplo, se tornaram tão icônicos pelo público que até hoje são produtos de consumo pelas pessoas, como as fantasias de Halloween.

Ao longo dos anos, várias produções de terror foram surgindo e atingindo o coração do público ao investir, de forma apelativa, à violência e/ou à figura do protagonista bárbaro. As franquias de Pânico (1996) e Jogos Mortais (2004) ou as figuras emblemáticas de Hannibal Lecter e Norman Bates, demonstram o sucesso desse gênero do cinema e, principalmente, enfatiza aquilo que o público almeja consumir. Esse peculiar fascínio pela violência gráfica que gera tamanha curiosidade, fantasia e medo nas pessoas é constantemente alimentado pela indústria através de seus filmes comerciais que apelaram pela glamourização e romantização da violência (Monteiro e Dutra, 2019).

Com os meios de comunicação contemporâneos e o surgimento das plataformas de *streaming*, as produções cinematográficas, que alimentam esse fascínio das pessoas, embarcaram nas grandes empresas como Netflix e HBO Max ao trazer à tona o fenômeno do '*true crime*'. Popularizado pelo público, o gênero do '*true crime*' relata casos de crimes reais de extrema violência e brutalidade, ao contextualizar a motivação e as ações dos assassinos em série. De Hannibal Lecter a Ted Bundy, o personagem bárbaro, seja fictício ou real, "se tornou o herói da pós-modernidade" (Gorender, 2010) ao protagonizar a violência e o apelo social que o público tanto almeja (Souza *et al.* 2022).

De tempos em tempos, a sétima arte se apresenta como um importante termômetro da sociedade por criar produções fílmicas que abordam temáticas sociais em pauta no mundo, aspectos culturais e, principalmente, o desejo pelo entretenimento do público que o assiste (Monteiro e Dutra, 2019). Obras atuais tal como *Mindhunter* (2017), *Dahmer: Um Canibal Americano* (2022), *Ted Bundy: A Irresistível Face do Mal* (2019), *A Menina que Matou os Pais* (2020) e a volta de antigos queridinhos do terror aos cinemas apontam para esse peculiar interesse pela brutalidade e nos faz indagar o motivo de tanto sucesso e fascínio.

Uma parte dos enredos nas produções cinematográficas são criados com o simples intuito de elevar a audiência e os lucros comerciais, com objetivo no entretenimento e pouca preocupação com a veracidade das informações. Logo, para tornar esses protagonistas bárbaros em estrelas de cinema, transformam-nos em figuras extremamente atraentes, eloquentes e com uma alta capacidade de inteligência, mesmo sendo capazes de gerar tamanha brutalidade (Souza *et al.* 2022). Essa dualidade, além de produzir um bom entretenimento, cativa a atenção e curiosidade do público, consegue apelar pela empatia das pessoas e vai além quando são capazes até mesmo de se tornarem favoritos da audiência (Monteiro e Dutra, 2019).

Esse processo de endeusamento da figura do assassino em série (Gorender, 2010) ou do vilão protagonista dos atos de brutalidade é concretizado pelo interesse que desperta na sociedade, e se expande ao se atrelar ao sistema capitalista, tornando-se um produto de consumo. É muito comum, por exemplo, a venda de produtos como camisas, canecas, broches, colecionáveis de figuras memoráveis do gênero terror ou os protagonistas do *'true crime'*. Viram fantasias de halloween ou modelos de inspiração da sociedade, como um herói dos tempos atuais.

Apesar do forte impulso comercial do cinema na criação de personagens brutais que cativam o público, há algo além que gera o interesse social das pessoas em querer consumir esse tipo de entretenimento. A brutal violência gráfica apelativa das diversas produções são um dos principais aspectos que despertam esse fascínio (Souza, 2017), existindo subgêneros sobre filmes exageradamente violentos, perturbadores e que beiram ao absurdo. O cinema possui um papel fundamental de expressão e representação da sociedade, assim como os monstros criados por esta

arte também representam esse importante papel social (Silva, 2017).

Da mesma forma que a brutalidade das obras expõem nas telas de cinema todas as nossas inseguranças e medos através da figura emblemática do mal, também brinca com os desejos mais profundos da sociedade. De acordo com Silva (2017), estar diante da violência exposta que nos ameaça, apavora e aterroriza, por outro lado nos permite atingir um certo tipo de liberdade e fantasia através desses protagonistas do cinema. Com isso, cria uma relação íntima com o público ao colocar em xeque o nosso senso de moralidade e de ética, a noção do que é certo e errado e mexe com o parâmetro de normalidade (Souza, 2017) ao se acostumar a consumir obras tão violentas, porém tão cativantes à sociedade (Souza *et al.* 2022).

4 A PSICOPATOLOGIA FORA DAS CÂMERAS

A psicopatologia compreende o entendimento dos transtornos mentais, incluindo manifestações, sintomas e causas. Dentro dela, também há critérios que englobam desenvolvimento, fatores de risco, prognóstico, cultura, sexo, gênero, marcadores biológicos, entre outros (APA, 2023).

É considerado grau patológico quando causa sofrimento significativo para o indivíduo ou para os outros, interferindo no funcionamento social, ocupacional e pessoal. Além disso, os critérios diagnósticos geralmente incluem padrões persistentes de comportamento, pensamento ou emoção que desviam do esperado na cultura do indivíduo. É importante considerar também o contexto cultural e social ao avaliar o que é considerado patológico em diferentes situações (Pinheiro; Albuquerque, 2014).

Desta forma, a Psicopatologia é considerada importante na compreensão do ser humano e de sua saúde mental. Os filmes podem servir como ferramenta de aprendizado (Maia, *et al.* 2005). Por outro lado, é fundamental entender como um filme é construído e quais são seus objetivos, visto que, como mencionado, a Psicopatologia tem variações contextuais e os filmes seguem um roteiro e padrões já estabelecidos para criar conexão com o público-alvo (Toldo; Lopes, 2017).

Embora haja diversos filmes que apresentem cenários com personagens portadores de transtornos mentais, é importante considerar que esses filmes geralmente têm uma duração e temática específicas, sendo destinados a um público

amplo. Portanto, eles seguem uma estruturação genérica de comportamentos, atitudes e emoções, que podem não refletir a realidade (Toldo; Lopes, 2017). Por outro lado, compreender o contexto tanto dentro quanto fora do cinema é crucial, pois os filmes exercem influência sobre o público, podendo estabelecer ou reforçar estigmas. Por exemplo, um personagem que exibe uma variedade de comportamentos, sintomas e atitudes pode levar o público a se autodiagnosticar, resultando na generalização de informações através da mídia (Bueno; Zanella, 2022). De acordo com o DSM-5 TR, estabelecer um diagnóstico requer considerar diversas variáveis. Portanto, analisar de forma criteriosa o que é apresentado nos filmes é fundamental.

Assim sendo, os filmes refletem a sociedade, a cultura e os costumes em sua construção. Além disso, existem diversos gêneros, como documentários, ação, aventura e animação, mostrando que a expressão artística é diversificada. No contexto brasileiro, surge uma questão relevante: muitos filmes são exportados e, portanto, nem sempre traduzem a cultura local. Também, os filmes passam por adaptações, como dublagens, o que pode comprometer a qualidade das informações e seus objetivos (Pires; Silva, 2014).

Em resumo, compreender a psicopatologia envolve uma série de critérios que escapam à captura dos movimentos estereotipados socialmente. Esse entendimento demanda um acompanhamento mais personalizado, guiado pela cultura, pelos recursos disponíveis e por uma variedade de fatores, como idade, gênero, sexo, educação e condição socioeconômica. Essas características são complexas e vão além das telas, que, embora sirvam como exemplo, podem transmitir tanto aspectos positivos quanto negativos. Portanto, uma abordagem crítica embasada em dados científicos se torna essencial ao analisar o tema.

4.1 A PSICOPATOLOGIA E A CRIMINALIDADE

A Psicologia é um importante instrumento em diversas atuações ao longo da história, assim como um norteador para práticas profissionais baseadas em ciência, comportamento humano e de análise das emoções e motivações do ser humano. Nesse sentido, a Psicologia se une ao estudo da criminalidade, na especialidade de Psicologia Forense para analisar a criminalidade por um viés sociocultural (Mitjavila, 1998).

Dentro da perspectiva de se analisar a psique humana e suas singularidades,

surgiu-se ao longo dos séculos, a possibilidade de vincular a existência de patologias e transtornos específicos à criminalidade. Nesse sentido, observa-se uma tentativa sociocultural de utilizar-se de perspectivas morais e médicas para vincular a psicopatologia à criminalidade e suas diversas manifestações (Foucault, 2006).

De acordo com Dalgalarondo (2019), na construção da análise da psicopatologia, num viés sociocultural, levanta-se a possibilidade de se estudar os transtornos mentais, como comportamentos desviantes que irão surgir através de fatores socioculturais que fazem parte da vida do indivíduo, levando em conta este contexto histórico, sociocultural.

Porém, segundo Fonseca (1997 *apud* Marta; Manzoni, 2009), essa visão perpassa por modelos jurídicos criados há anos, com enviesamento em modelos psiquiátricos-médicos buscando explicar crimes com base em patologias, que justificariam atos criminais, não sendo totalmente aplicáveis a todos os contextos, podendo gerar interpretações equivocadas dentro de espaços como a própria Psiquiatria, principalmente na área forense, e no sistema judiciário.

Além disso, a Psiquiatria Forense na área criminal tinha um viés muito atrelado à moralidade e valores sociais, voltada principalmente para atender os códigos penais vigentes no século XX (Harris 1993). Isso demonstra a problemática inerente a vinculação de transtornos mentais à criminalidade dentro das modalidades da justiça e o impacto que isso causa não só no âmbito jurídico como social. Juntamente a isso, nota-se uma dada preferência a certos tipos de transtorno, como os transtornos de personalidade que seguem sendo um objeto de estudo recorrente na área criminal forense.

Segundo demonstrado por Fonseca (1997 *apud* Marta; Manzoni, 2009), o transtorno de personalidade antissocial, gera, ainda hoje, inúmeros debates dentro da área da criminologia. Um deles é sobre a nomenclatura, em que há uma discordância debatendo-se, sobre o uso de certa terminologia, para denominar o transtorno, já que, para alguns autores seria adequado o uso do termo sociopatia e para outros o uso transtorno de personalidade antissocial.

Atualmente, pelo DSM-5, o transtorno de personalidade social tem questões diagnósticas ligadas à cultura, que leva em consideração o contexto social e econômico, para se avaliar os traços antissociais do indivíduo (APA, 2014).

Ainda de acordo com o DSM-5, deve-se ter o cuidado de não associar o transtorno a um comportamento criminoso, levando-se em conta as características

clínicas do transtorno e da ação de se obter ganhos através de atos criminosos, o que não condiz com as características de personalidade que fazem parte do transtorno de personalidade antissocial, e, dessa forma, impedir a construção de um estigma em relação ao transtorno (APA, 2014).

A inclusão de laudos psiquiátricos foi de suma importância dentro do judiciário para a análise sobre criminalidade. Bercovitch (2000) coloca que, além de haver um reconhecimento do judiciário sobre a eficiência dos laudos, há também a construção de confiança e parceria entre a área médica e a área jurídica, possibilitando uma análise eficiente da criminalidade e sobre as decisões judiciais tomadas do ponto de vista penal, não desconsiderando questões psicológicas relacionadas.

Sendo assim, é importante ter uma construção de pensamento crítico quanto a validade dessa questão e o que ela engloba: como os transtornos mentais, o sistema jurídico e questões sociais atreladas a eles, se interligam, mas, não necessariamente estejam conectados a ponto de serem considerados fatores determinantes para se considerar um indivíduo com transtornos mentais tendo alta periculosidade criminal.

4.2 PREJUÍZOS E CONTRIBUIÇÕES DAS REPRESENTAÇÕES DE PSICOPATOLOGIA NO CINEMA

O cinema pode ser um recurso artístico de expressão da história e dos dilemas de pessoas que sofrem com transtornos mentais, acabando por sensibilizar os espectadores, mas suas representações também contribuem para a estigmatização e o reducionismo das psicopatologias (Gomes *et al.* 2022). Afinal, apesar dos esforços de toda a equipe cinematográfica, as produções fílmicas permanecem reféns de uma representação da realidade que, apesar da verossimilhança, não consegue se aprofundar o suficiente na discussão sobre a psicopatologia, sobretudo em se tratando de obras fictícias (Santos, 2017).

Nesse sentido, entende-se que o estigma reforçado pelo cinema advém da simplificação dos transtornos mentais que acaba sendo necessária para a inserção desses personagens na narrativa. Afinal, conforme Menezes e Santos (2012), ao passo em que o sujeito é inserido por semelhança em um grupo maior, sua subjetividade é ofuscada em favor de atribuições coletivas a serem concebidas como boas ou ruins, o que promove, respectivamente, privilégios ou estigmatização.

Existe, com isso, forte relação entre a construção da ideia de monstrosidade e a ideia de normalidade, cuja definição acaba sendo reforçada pela diferença entre os dois construtos, o que cria, assim, um inimigo idealizado: o monstro (Silva, 2017). Desse modo, é retirada total ou parcialmente a humanidade de personagens com transtornos mentais, que acabam relegados à loucura ou à monstrosidade, atributos esses que, em certa medida, são corroborados pelo uso enviesado e simplificado dos discursos científicos (Menezes; Santos, 2012). A partir disso, conforme Silva (2017), a associação da criminalidade à monstrosidade suscita não somente a ideia de que a pessoa que comete crimes é um monstro, mas também a ideia de que, se uma pessoa que comete crimes é um monstro, todas as pessoas que cometem crimes devem ser destituídas de seu caráter humano e, então, combatidas.

Por isso, atributos pejorativos associados à psicopatologia destacam e confirmam as boas atribuições da normalidade, distanciando pessoas com transtornos mentais de pessoas sem transtornos mentais da mesma forma que se distancia pessoas com transtornos mentais de sua própria humanidade (Menezes; Santos, 2012). Esse processo culmina justamente na redução da subjetividade de pessoas com transtornos mentais. Nas representações fílmicas, de acordo com Leandro (2019), alimenta-se, então, a falsa ideia de que existe um perfil único com características padronizadas de pessoas com transtornos mentais, quando a maior parte dessas produções é fictícia, o que leva a uma percepção imaginada e mistificada da psicopatologia. Há, por outro lado, certa normalização de condutas perigosas quando realizadas por personagens que angariam o carisma do grande público, como no caso de Hannibal Lecter e Dexter Morgan (Gomes *et al.* 2022).

É, portanto, importante compreender que o cinema contribui para esta problemática, mas não é o primeiro motor dela, visto que a estigmatização da psicopatologia advém de um processo histórico que fomenta, por exemplo, a associação entre loucura e criminologia levando inclusive à dicotomia de serem ou não serem crimes, então, as condutas desviantes perpetradas por pessoas com transtornos mentais (Menezes; Santos, 2012). É crucial, com isso, compreender que a ideia de associar necessariamente atos violentos à psicopatologia traz o conforto de se pensar que a normalidade não se associa a qualquer um dos dois, mas tanto pessoas diagnosticadas podem passar a vida sem cometer qualquer delito quanto pessoas ditas normais podem acabar cometendo vários deles (Gomes *et al.* 2022).

Dessa forma, entende-se que a estigmatização da psicopatologia decorrente das representações no cinema pode ser marcada pela simplificação dos transtornos mentais dos personagens, pelo reducionismo de sua subjetividade para além da psicopatologia, por representações distorcidas dos quadros suscitadas pelo fator criativo da narrativa, e pelas consequências dessa estigmatização na vida cotidiana, visto que, o cinema é uma arte acessível e de ampla circulação, o que leva ao comum entendimento errôneo de diversas questões dentro da temática da psicopatologia.

Por isso, reconhecendo-se que, entre os principais agravantes da estigmatização dos transtornos mentais, destaca-se o preconceito, a discriminação e a falta de informação que acabam por desencorajar a busca por parte das pessoas a serviços em saúde mental, visto que elas acabam temendo a rotulação e seus consequentes prejuízos na relação entre sujeito e meio, cabe à categoria dos psicólogos refletir, pesquisar e pôr em prática estratégias que reduzem a estigmatização da psicopatologia e seus efeitos nocivos (Prado; Bressan, 2016).

Apesar disso, vale ressaltar que a sétima arte possui um papel fundamental na construção de valores sociais, assim como na influência e educação da sociedade. Esses contextos imbuídos nas obras podem, por um lado, criar narrativas ficcionais capazes de espalhar desinformação ao público, mas também apresentam um forte impacto positivo na expansão de conhecimentos sociais e culturais. Sua atuação como meio de expressão e aprendizagem demonstrou ser essencial para que as pessoas consigam ver para além do senso comum e da generalização (Ferreira, 2021).

O filme *Coringa* (2019), por exemplo, trouxe uma perspectiva nova e diferente para as telas de cinema ao demonstrar uma realidade além da personalidade psicopata conhecida sobre o personagem das obras do Batman. O ambiente de *Coringa* nos faz pensar, indagar e debater as questões socioculturais que impactam na vida do outro ao expor a difícil e injusta vida de Arthur Fleck, e como isso afeta sua saúde mental gradativamente (Back, 2021). Outras obras como *O Aviador* (2004) que conta a biografia de Howard Hughes e sua relação com o Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) (Rodrigues, 2013), *Três Cristos* (2017) com a história sobre três pacientes com esquizofrenia paranoide que acreditavam ser Jesus Cristo e *Garota Exemplar* (2019) ao trazer a protagonista Amy com possíveis características psicopatas, mas também trabalha com os impactos do meio familiar como motivador (Santos, 2016).

No cinema brasileiro é possível encontrar também diversas obras ao longo dos anos com temáticas ou características psicopatológicas em seus personagens através de enredos capazes de levar conhecimento ao público. Tais como *Cidade de Deus* (2002) na construção do personagem Zé Pequeno, *O Auto da Compadecida* (2000), com o personagem de Dora, *É Proibido Fumar* (2009) através da protagonista Baby, *Tropa de Elite* (2007) com o conhecido Capitão Nascimento e um possível transtorno de personalidade obsessivo-compulsivo (Honorato *et al.* 2018).

Com tamanhas contribuições sociais, a Psicologia é capaz de se beneficiar desse papel das obras cinematográficas ao abordar nas telas do cinema temáticas psicopatológicas. Seja na própria construção do protagonista do filme, no enredo geral ou em características isoladas, a psicopatologia tem se mostrado presente nas telas do cinema de diversas formas. Através dessa união interdisciplinar entre a sétima arte e a ciência, o campo psicológico é capaz de produzir conhecimento para o público de forma dinâmica, que vai além do senso comum social acerca dos transtornos psicopatológicos ao criar uma ponte entre a realidade e o cinema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões sobre as especificidades e complexidades da saúde mental e dos transtornos psicopatológicos, têm se tornado cada vez mais importante. Essas não são só mais originárias de livros, como também, atravessados por várias possibilidades de reflexões, inclusive as oriundas ou projetadas nos fenômenos fílmicos.

Através dessa união interdisciplinar, entre a sétima arte e a ciência, o campo psicológico torna-se capaz de produzir conhecimento para o público de forma dinâmica, que vai além do senso comum social acerca dos transtornos psicopatológicos, ao criar uma ponte entre a realidade e o cinema. Nessa pesquisa, encontramos temáticas tanto no sentido de elucidação das questões de saúde mental, mas na grande maioria relacionadas aos excessos retratados muitas vezes nas telas, sobre questões muito complexas em saúde mental.

Nesse sentido, apesar de favorecer muitas vezes o entendimento e maior reflexão sobre saúde mental, o mundo cinematográfico tem se tornado lugar de estigmatização e o reducionismo dos transtornos mentais.

Sendo assim, como vimos nos estudos relacionados neste artigo, quando

falamos do universo fílmico e de psicopatologias, faz-se necessário entender que um diagnóstico não é gerador de um possível crime, e nem em um criminoso precisa necessariamente ser apontado um problema psicopatológico. As ações humanas dificilmente serão definidas por apenas um viés, tão pouco um crime. É importante refletir que são infinitas as questões que atravessam as nossas escolhas e nossos atos.

Por fim, este trabalho nos mostrou a importância de maiores pesquisas e discussões sobre o tema, pois precisamos compreender que a psicopatologia não se basta nas representações fílmicas, que, embora sirvam como exemplos, não estão totalmente aptas a reproduzir toda a complexidade do tema. Além disso, foram encontrados um número reduzido de publicações sobre o assunto. Ficando assim, vários questionamentos, acerca do papel do cinema na visibilidade de questões sobre criminalidade e saúde mental, desta forma, esse artigo aponta para a necessidade de maiores pesquisas para discussão deste tema.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM -5-TR**. 5, texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BACK, Caroline Moreira. Coringa: reflexões sobre crime e loucura. **Revista eletrônica de Direito Penal e Política Criminal - UFRGS, vol. 9, nº 1**. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/redppc/article/download/109538/63886> Acesso em: 07 jul. 2023.

BERCOVITCH, Jacob; HOUSTON, Allison. Why do they do it like this? An analysis of the factors influencing mediation behavior in international conflicts. **Journal of Conflict Resolution**, v. 44, n. 2, p. 170-202, 2000.

BUENO, Gabriel; ZANELLA, Andréia Vieira Imagem, cinema e psicologia: compondo aproximações entre arte e ciência. **Psicologia USP**, v. 33, p. e200101, 2022.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2019, 3ª edição.

DUTRA, Ana Cláudia Monteiro; MONTEIRO, Maria Carolina Maia. A glamourização de transtornos psicológicos na mídia. **Intercom**, n. 21, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0560-1.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2023.

FERREIRA, Marina Pontes. **Percepção da sociedade acerca da influência do cinema sobre a psiquiatria**. 2021. 27 p. TCC (Graduação em Medicina) - Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.fass.edu.br/jspui/handle/123456789/2875>. Acesso em: 18 jun. 2023.

FOUCAULT, M. O poder psiquiátrico. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOMES, Ariany Pereira da Silva; SANTANA, Isabella da Silva; NAVES, Jaqueline de Cássia; LEÃO, Fernanda Mesquita. **Antissociais no cinema: a representação do transtorno da personalidade antissocial**. 30p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Catalão: UNA, 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/26216>. Acesso em: 31 ago. 2023.

GORENDER, Miriam Elza. Serial killer: o novo herói da pós-modernidade. **Estudos em Psicanálise**, n. 34, dez. 2010, p. 117-122. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000200017. Acesso em: 07 jul. 2023.

HARRIS, R. Assassinato e loucura: medicina, leis e sociedade no fim de siècle. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

HONORATO, Tabata Galindo. **Os transtornos da personalidade no cinema brasileiro**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-27032019-182109/pt-br.php>

HONORATO, Tabata Galindo *et al.* Cinema brasileiro e o ensino dos transtornos da personalidade. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, 2021. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022021000200226&lang=pt. Acesso em: 18 jun. 2023.

LEANDRO, Bruna Eduarda. **Serial killers: uma análise bibliográfica dos casos de assassinatos Ed Gein e Ted Bundy e os componentes que contribuíram para os seus quadros psicopatológicos de transtorno de personalidade antissocial (TPAS)**. 38p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/16605>. Acesso em: 31 ago. 2023.

MAIA, João Maurício Castaldelli *et al.* Psicopatologia no cinema brasileiro: um estudo introdutório. **Archives of Clinical Psychiatry** (São Paulo), v. 32, n. 6, p. 319–323, nov. 2005.

MARTA, T. N.; MAZZONI, H. M. O. Assassinos em série: uma questão legal ou psicológica? **Revista USCS**, São Caetano do Sul, v. 1. n. 17, p. 21- 37, jul/dez, 2009. DOI:<https://doi.org/10.5020/23172150.2012.303-322> Acesso em 20 de novembro de 2023.

MATOS, Daniel Ivori. **Serial Killers**: cinema, imaginário e crimes reais. Universidade Federal de Alfenas, MG. 2015. Disponível em: https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/cultura_historica_patrimonio/article/view/05_art_v3n1_matos Acesso em: 04 ago. 2023.

MENEZES, José Euclimar Xavier de; SANTOS, Denise Neves dos. Tensões entre diagnóstico psiquiátrico e construções identitárias. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2012, p. 152-160. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2012000200008. Acesso em: 07 jul. 2023.

MITJAVILA, Myriam Raquel; MATHES, Priscilla Gomes. Doença mental e periculosidade criminal na psiquiatria contemporânea: estratégias discursivas e modelos etiológicos. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 22, p. 1377-1395, 2012. disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312012000400007&lang=pt. Acesso em: 07 jul. 2023.

PINHEIRO, Clara Virgínia de Queiroz; ALBUQUERQUE, Kelly Moreira de. Psicopatologia e saúde mental: questões sobre os critérios que orientam a percepção clínica. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 9-16, abr. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000100002. Acesso em: 02 nov. 2023.

PIRES, Maria da Conceição Francisca; SILVA, Sérgio Luiz Pereira da. O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 127, p. 607–616, abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/s66hjCWgqBRckwwj5MGztp/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 07 jul. 2023.

PRADO, Alessandra Lemes; BRESSAN, Rodrigo Affonseca. O estigma da mente: transformando o medo em conhecimento. **Rev. Psicopedagogia**, v. 33, n. 100, 2016, p. 103-109, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-84862016000100012. Acesso em: 07 jul. 2023.

RAMOS, Carolina. Distúrbios mentais inspiram cinema. **ComCiência**, Campinas, n. 126, mar. 2011. Disponível em <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 jul. 2023.

ROCCHI, Camila Borsato; MANSANO, Sonia Regina Vargas. DOENÇA MENTAL E CINEMA: UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL. **Blucher Social Sciences Proceedings**, v. 2, n. 4, p. 983-993, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Sonia->

Mansano/publication/308190146_DOENCA_MENTAL_E_CINEMA_UMA_ANALISE_PSICOSSOCIAL/links/5fabd12fa6fdcc331b947142/DOENCA-MENTAL-E-CINEMA-UMA-ANALISE-PSICOSSOCIAL.pdf Acesso em: 07 jul. 2023.

RODRIGUES, Cátia Alves. **Desvelando os sentidos do transtorno obsessivo compulsivo a partir do filme “o aviador”**: A vida de Howard Hughes. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP. 2013. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/32960> Acesso em: 07 jul. 2023.

SANTANA, Geilson Lima *et al.* The epidemiology of personality disorders in the Sao Paulo Megacity general population. **PloS one**, v. 13, n. 4, p. e0195581, 2018. Acesso em: 07 jul. 2023.

SANTOS, Gabriele Pacheco. **Expressões da psicopatia na literatura e no cinema**. FAEMA. Ariquemes, RO. 2016. Disponível em: <http://repositorio.faema.edu.br:8000/jspui/handle/123456789/704> Acesso em: 07 jul. 2023.

SANTOS, Thiara Ribeiro. **O fascínio do serial killer**: protagonismo e naturalização da anormalidade em Dexter. 159p. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20370>. Acesso em: 07 jul. 2023.

SIGELMANN, Élida. **Anomia e desorganização**: estudo psicológico em contexto brasileiro. Tese de doutorado em Psicologia Aplicada. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9734>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

SILVA, Pedro Puro Sasse da. Monstros da cidade pós-moderna. **Anais do Sappil, Estudos de Literatura, UFF, nº 1**. 2017. Disponível em: <http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/VIIISAPPIL-Lit/article/download/838/541>

SOUZA, Júlio César Weiss; OLIVEIRA, Nicole Costa de; SOUZA, Júlio César Pinto de. Hannibal Lecter: o glamour de um psicopata pelas lentes do cinema. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 14. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i14.36515> Acesso em: 04 ago. 2023.

TOLDO, Giordano Schmitz; LOPES, Fernando Dias. Cinema como arte ou entretenimento: uma visão de seus realizadores e a estrutura organizacional de suas produtoras. **REAd: Revista Eletrônica de Administração** (Porto Alegre), v. 23, n. 2, p. 167–190, mai. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/60848> Acesso em: 04 ago. 2023.

VALENÇA, Alexandre Martins; MORAES, Talvane Marins de. Relação entre homicídio e transtornos mentais. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, p. s62–s68, out. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/7v5jJmfdtC7CggBQDCxVc6m/?lang=pt#> DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000600003> Acesso em: 07 jul. 2023.

VICENTE, Anna Júlia Santana; SAGAZ, Lucas Pereira; ALMEIDA, Luísa Marques.

Um Estudo sobre o Transtorno da Personalidade Antissocial. **Psicopatologia crítica: perspectivas do sofrimento existencial**, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em: <https://koan.emnuvens.com.br/psicopato/article/view/47> Acesso em: 04 ago. 2023.

VICENTE, Aparecido Renan; SANTOS, Paola Alves Martins; LEÃO, Andreza Marques Castro. Um Crime entre Nós: a violência sexual infantil na voz da vítima. In: BORTOLOZZI, A.C.; CARVALHO, L.R.S. (Org.). **Leituras sobre a sexualidade em filmes: intersecções sobre vínculos, desejo se relacionamentos**. Volume.8. São Carlos: Editora Pedro & João, 2020. p.137-143. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/leituras-sobre-a-sexualidade-em-filmes-interseccoes-sobre-vinculos-desejos-e-relacionamentos-vol-8/> Acesso em: 04 ago. 2023.